

# INTELIGENCIA EMOCIONAL COMO COMPETÊNCIA ESSENCIAL PARA A FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA

*EMOTIONAL INTELLIGENCE AS ESSENTIAL COMPETENCE FOR TEACHER TRAINING*

**Ana Maria Pena Mejial<sup>1</sup>, Camila Beltrão Medina\*<sup>1</sup>e<sup>2</sup>, Elsa Cardoso de Souza<sup>1</sup>, Mariana Landin Cassal de Carvalho<sup>1</sup>, Paula Cristina de Oliveira Abud<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> UNIP - Universidade Paulista, São José dos Campos-SP

<sup>2</sup> USP – Universidade de São Paulo, São Paulo-SP

\*Correspondência: [camila.medina@anhanguera.com](mailto:camila.medina@anhanguera.com)

## Resumo

O texto aqui apresentado revisitará os pressupostos teóricos da teoria da inteligência emocional buscando estabelecer uma conexão entre a necessidade de trabalhar a emoção em processos educativos, enaltecendo o processo educativo do pedagogo, com as exigências da sociedade atual. A sociedade moderna caracterizada pela globalização valoriza a educação como ferramenta de formação cidadã e exige um alto desempenho dos profissionais da educação. Os pedagogos possuem desafios teóricos e práticos para o exercício profissional que demandam uma formação integral com bases emocionais sólidas. É crescente o número de pedagogos afastados por questões de saúde mental e a inteligência emocional aparece como uma alternativa para o autoconhecimento, autocontrole, automotivação e para o desenvolvimento da empatia e a otimização dos relacionamentos interpessoais. Neste sentido, considera-se que a formação humana evidenciando um trabalho a partir do desenvolvimento da inteligência emocional nos estudantes de pedagogia e, também, na formação continuada e no exercício profissional se faz mais que necessária, ou melhor, se faz prioritária. Diante disso, a proposta central desse artigo, consiste em demonstrar a importância da inclusão de uma disciplina de inteligência emocional na matriz curricular dos cursos de Pedagogia. Tal disciplina é apresentada no texto como uma proposta, com definição de ementário, objetivos e bibliografia.

Palavras-chave: Formação inicial. Pedagogia. Inteligência. emocional.

## Abstract

The text presented here will revisit the theoretical assumptions of the theory of emotional intelligence, seeking to establish a connection between the need to work emotion in educational processes, enhancing the educational process of the pedagogue, and the demands of today's society. The modern society, characterized by globalization, values education as a tool for citizen formation and demands a high performance from education professionals. Pedagogues have theoretical and practical challenges for the professional exercise that demand an integral formation with solid emotional bases. There is a growing number of pedagogues who are on leave due to mental health issues, and emotional intelligence appears as an alternative for self-knowledge, self-control, self-motivation, and for the development of empathy and the optimization of interpersonal relationships. In this sense, it is considered that the human formation evidencing a work based on the development of emotional intelligence in the pedagogy students and, also, in the continued formation and professional practice is more than necessary, or better, it is a priority. Therefore, the central proposal of this article is to demonstrate the importance of including a discipline of emotional intelligence in the curricular matrix of Pedagogy courses. This discipline is presented in the text as a proposal, with a defined menu, objectives and bibliography.

Keywords: Initial training. Pedagogy. Emotional intelligence.

## INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, as emoções foram consideradas um evento oposto ao pensamento racional e, em consequência, elas eram percebidas como desagradáveis ou desnecessárias. Hoje, entende-se que as emoções são um processo neurobiológico, essencial para a sobrevivência humana. Elas se originam numa área primitiva do cérebro e são essenciais na percepção da realidade, na tomada de decisão e no atuar das pessoas (GOLEMAN, 1995).

Não só os seres humanos, mas também muitos seres vivos, sentem em algum momento emoções de raiva, medo, tristeza ou alegria. As emoções são uma condição natural dos indivíduos e possuem funções adaptativas, como explica Myers (2006). De acordo com o referido autor, as emoções surgem na integração de vários processos fisiológicos que levam a determinados comportamentos e que geram experiências conscientes que incluem pensamentos e sentimentos. As emoções são um fenômeno inerente aos seres humanos, elas são uma reação biológica e também cognitiva que determinam o processamento da realidade e influenciam a percepção de mundo e as ações das pessoas.

Não há uma linha única que defina as emoções, contrário a isso, existem várias teorias que explicam e que classificam as emoções de diferentes maneiras. Salovey e Caruso (2007) identificam cinco emoções básicas que são a raiva, a felicidade, o medo, a surpresa e a tristeza e propõem a existência de emoções sociais que são a aversão, a vergonha, a culpa e o constrangimento. Goleman (1995, p. 302) expressa que a emoção se refere a um sentimento e seus pensamentos distintos, estados psicológicos e biológicos, e uma gama de tendências para agir. Pode-se observar que as emoções são amplas, dinâmicas, diversificadas e naturais. Segundo esses autores, as emoções são essenciais para a sobrevivência e desenvolvimento da espécie humana e foram constituídas há milhões de anos por um processo de evolução que protegeu os homens primitivos de ameaças e perigos. Hoje, mais ainda, num ambiente com alto adiantamento tecnológico e científico, as emoções são observadas como um fenômeno de alta relevância, pois elas são essenciais na vida de todas as pessoas e influenciam a formação da sociedade.

Nos últimos anos, as emoções aparecem como um tema de alto interesse científico devido à necessidade de compreender e controlar condições do ser humano como a motivação, a aprendizagem, o bom desempenho e, além disso, se faz urgente o entendimento de acontecimentos crescentes como a depressão e a violência, que são problemáticas que envolvem essencialmente episódios emocionais. O século XXI exige flexibilidade, resiliência e alta capacidade de adaptação, pois a sociedade hoje possui dinâmicas econômicas, políticas e culturais que estão levando à transformação do mundo com muita rapidez.

O desenvolvimento tecnológico é uma característica do fenômeno da globalização que conecta o planeta em diversos aspectos, entre eles os econômicos, políticos e culturais. Segundo Barbosa (2008), a globalização é entendida como uma realidade presente no mundo que se dá pelo intercâmbio de mercadorias, capitais, dados, conhecimentos e que causa um enfraquecimento nas fronteiras geográficas dos países.

A globalização não está somente nas notícias difundidas internacionalmente, pois repercute na própria dinâmica das economias e sociedades cada vez mais influenciadas pela produção das multinacionais, pelo uso de novas tecnologias e de bens de consumo importados, pela presença crescente dos temas de política internacional e pela adesão externa aos projetos dos movimentos sociais nacionais. (BARBOSA, 2008, p. 13).

Por um lado, o mundo globalizado favorece o alto fluxo de informação, facilitando o acesso a todo tipo de conhecimento, estimula cada vez mais o estabelecimento de valores éticos coerentes com a dignidade humana que são representados pelos Direitos Humanos. Existe uma tendência ao incremento do consumo, há maior valorização da emancipação humana, existe uma redução de fronteiras entre países e brota a homogeneização da cultura planetária, ao mesmo tempo em que se valoriza a diversidade como condição natural dos seres humanos e o acesso ao conhecimento também aumenta.

Por outro lado, entretanto, as pessoas lidam com protótipos de consumo inatingíveis, há aumento na pressão laboral, a procura por experiências de felicidade, de beleza e de riqueza tomam relevância e os valores e princípios tradicionais de família, religião e Estado parecem enfraquecidos e vulneráveis. Barbosa (2008) explica que a sociedade global lida com problemáticas seríssimas como desemprego, devastação ambiental, fome e miséria de milhares de pessoas, com a riqueza excessiva de poucos e a pobreza de muitos. Existe a sensação constante de insegurança, de corrupção e de crise, que levam o indivíduo ao medo e à frustração e, em consequência, as pessoas convivem, constantemente, direta ou indiretamente com depressão, ansiedade, solidão, esgotamento físico e mental.

Dessa forma, recomenda-se aqui, o estudo e reconhecimento das emoções, para estimular o fortalecimento interno das pessoas e, assim, contribuir com o desenvolvimento individual e coletivo. Como expressa Bauman (2008), os estudiosos das ciências sociais devem se esforçar por encontrar caminhos para formar uma sociedade que ache um equilíbrio entre segurança e liberdade para todos.

As escolas e universidades como instituições formadoras de pessoas aparecem como uma alternativa para a educação emocional, sendo uma temática relevante e necessária para ser estudada e aprendida desde as instituições formais de ensino, especificamente, como é proposto neste trabalho, na educação superior.

É relevante a reflexão da educação necessária para a formação das pessoas do presente momento histórico, para favorecer os aspectos físico, intelectual, emocional e social. Uma educação que inclua as emoções em suas propostas pedagógicas, deve ser estimulada tanto durante a Educação Básica quanto no Ensino Superior, instruindo crianças, jovens e adultos no entendimento da importância do autoconhecimento, da empatia e das relações, gerando uma ligação mais solidária com o próximo para formar uma consciência de cidadania que leve ao desenvolvimento individual, econômico, político e social.

A sociedade moderna, caracterizada pela globalização, valoriza a educação como ferramenta de formação cidadã e exige um alto desempenho dos profissionais da educação. Os pedagogos possuem desafios teóricos e práticos para o exercício profissional que demandam uma formação integral com bases emocionais sólidas. É crescente o número de profissionais da educação (professores) afastados por questões de saúde mental e a inteligência emocional aparece como uma alternativa para o autoconhecimento, autocontrole, automotivação e para o desenvolvimento da empatia e a otimização dos relacionamentos interpessoais.

Segundo estudo apresentado pelas pesquisadoras Moreira e Rodrigues (2018), observa-se nos últimos anos, um maior absenteísmo em decorrência de doenças mentais, em especial a depressão. Na área educacional esse número se faz bem expressivo e de acordo com as autoras, podem estar relacionados com:

organização e acompanhamento do trabalho, excessiva jornada de trabalho, sobrecarga, comportamentos consolidados nas escolas, insatisfação com o salário e benefícios, descontentamento com o local e estrutura de trabalho, relacionamento com colegas, direção ineficiente. (MOREIRA e RODRIGUES, 2018, p. 238)

Considera-se ainda importante destacar que o comportamento dos alunos; as condições precárias de trabalho, o ambiente e clima organizacional, o nível de supervisão e apoio, também são considerados elementos que conduzem os professores a questões desdobradas, por vezes, em transtornos de humos (depressão, ansiedade).

Diante desse quadro, observa-se, que a formação humana evidenciando um trabalho a partir do desenvolvimento da inteligência emocional nos estudantes de pedagogia e, também, na formação continuada e no exercício profissional docente, se faz mais que necessária, se faz prioritária. Propor que questões como essas aqui observadas façam parte da formação do discente em pedagogia (e em qualquer curso de formação docente) é um meio de unir à sua formação elementos importantes para a prática que ele construirá no decorrer de sua jornada enquanto docente. Sabe-se que o processo de formação pedagógica perpassa por linhas tênues entre a teoria e a prática e, assim, a formação do pedagogo - e de outros profissionais da educação - não se volta ao cuidar do aspecto emocional, não tem como enfoque, relacionar a pessoa e suas emoções. Até mesmo por uma questão cultural, somos divididos sempre em lados específicos, pessoal e profissional, como se fosse possível separar ambos.

A pesquisa aqui apresentada tem caráter descritivo com uma abordagem qualitativa, constituída por uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de inteligência emocional e sua importância na formação do pedagogo. Para tanto, foi realizada uma revisão de matrizes curriculares do curso de Pedagogia oferecido em diversas faculdades, com a intenção de identificar a existência do conteúdo de inteligência emocional em suas propostas de curso.

Entende-se aqui que o desenvolvimento integral do pedagogo é urgente, pois seu exercício atinge amplamente a sociedade. A pesquisa e a valorização do pedagogo contribuirão para o empoderamento do seu exercício profissional, bem como para o exercício adequado da profissão.

### **A ideia global de Inteligência Emocional**

Segundo o pesquisador Holder (2017), os estudos a respeito da inteligência emocional são considerados contemporâneo, no entanto, isso não é um fato, pois há anos vem se tentando conceituar tal questão. Pode-se dizer que, de modo breve, o estudo sobre a inteligência da área do conhecimento partiu de

filósofos como Marco Túlio Cícero, que já utilizava termos argumentando sobre as diferenças propostas por Platão, que acreditava que a inteligência era o que garantia a estabilidade de seres sensíveis e, Aristóteles estabelecendo que sabedoria e inteligência são dois elementos distintos, demarcando a sabedoria como algo descolado da ação, mas vinculada ao conhecimento científico e, a inteligência como algo que se interessa pela ação e pelo saber prático. Sócrates, em seu tempo, partia do princípio de que o indivíduo possui um conhecimento inato e suas diferenças individuais são herdadas.

Para Marcondes (2001) Platão foi o pioneiro em reconhecer características individuais relacionadas a maneira de organizar as ideias, as quais ele diferenciou a partir da capacidade do indivíduo ser hábil em entender conceitos ou formas puramente abstratas. Assim, o pensador coloca o cidadão médio vinculado a uma lama apaixonada, capaz apenas de entender imagens intangíveis dos objetos físicos. Sobre eles estariam os soldados, vinculados a alma corajosa. Em seguida estaria o pensamento, superior aos dois anteriores, no entanto, inferior ao último estágio, que seria a inteligência, que reque plena compreensão das formas abstratas ou essenciais. Segundo Marcondes (2001), Aristóteles, entretanto, apresenta diferentes níveis de pensamento inteligente facilitados pela alma racional. Com esse pressuposto o pensador atribui o pensamento como capacidade exclusiva do ser humano e estabelece um esquema classificatório do pensar, colocando cada nível como pré-requisito ao próximo.

Em suma, enquanto Platão, traz a ideia de que as áreas do cérebro são associadas a vários tipos de solução de problemas. Aristóteles defendia a importância das emoções dos indivíduos. Com a Idade Média outros pensadores passam a abordar as questões referentes ao pensar e ao sentir. Destaca-se aqui São Tomás de Aquino, que defendia, segundo Marcondes (2001), a inteligência como algo inato ao indivíduo, e Santo Agostinho, diferentemente de Aquino, partia do princípio de que a inteligência somente era adquirida da experiência. Novamente o dilema inteligência aspecto inato ao homem, portanto algo interno que vai se externalizando e inteligência aspecto desenvolvido, ou seja, algo internalização a partir das percepções e experiências vivenciadas pelo sujeito, invadem o campo filosófico. Entende-se aqui, portanto, que constructos teóricos passeiam, mais uma vez por esses polos que ainda serão retomados pela filosofia dos séculos subsequentes, em especial, no século XVII, no qual a dicotomia fica situada entre os empiristas e os racionalistas.

Assim, para os empiristas, John Locke, George Berkeley e David Hume, o conhecimento é obtido pela experiência sensorial, colocando os “sentidos como as janelas da alma”. Locke (1983), em seus estudos, compara a mente humana a uma folha em branco e afirma que as experiências originadas das percepções sensoriais, são impressas na folha em branco (mente) transformando-se em conhecimento. Neste sentido, pode-se afirmar que o estudo empirista reconhece duas formas de surgimento do conhecimento, a sensação e a reflexão e, partindo dessas duas vertentes o conhecimento e as ideias podem ser simples ou complexos.

No outro polo do constructo teórico sobre inteligência, tem-se o filósofo René Descartes, que influenciou de forma profunda os estudos sobre a mente, a alma e o espírito. Já em seu tempo, ele e outros filósofos investigavam o surgimento de doenças devido a perturbações da alma. Além de Deus, o universo era organizado por mais duas substâncias, a primeira *res extensa* (do latim “coisa extensa”), onde o corpo é o objeto de estudo e a segunda substância nomeada de *res cogitans* (do latim “coisa pensante”), é um termo designado para se referir a alma como algo em expansão e imaterial. Neste sentido, o filósofo ressalta que o corpo pode se movimentar, o sangue circular, os músculos se flexionarem, porém, corpo, não pensa: o pensamento não é atribuído ao corpo. O pensamento reside na alma, ou seja, na mente. No entanto, um não existe sem o outro; o corpo não existe sem a alma. Descartes estabelece, aqui, o ápice de sua formulação teórica: o dualismo psicofísico. Neste sentido, para Descartes, a alma e corpo são inseparáveis, pois onde não há alma, não há pensamento. (HOLDER, 2017).

No século XIX, Franz Joseph Gall, médico e anatomista alemão, desenvolve pesquisas tendo o objetivo de analisar o vínculo entre partes do cérebro e capacidades humanas. Thorndike, trazia indícios de uma inteligência social, na qual diferenciava as capacidades acadêmicas das emocionais para o êxito na vida prática. Na década de 1990, Salovey e Mayer apresentam um artigo científico, intitulado, “Inteligência Emocional” que conceitua a Inteligência Emocional como um conjunto de habilidade capazes de organizar informações sobre as próprias emoções e as dos outros, regulando a emoção em si e nos outros, bem como, utilizando os sentimentos para motivar, planejar e realizar o que se deseja na vida. Aqui, também inserem a capacidade de usar essas informações como uma diretriz para o pensamento e o comportamento. Os autores são considerados os precursores do debate sobre a relação entre emoção e pensamento, ou seja, inteligência emocional, no século XX, a partir da publicação do referido texto. (HOLDER, 2017)

Gardner (1995), poucos anos depois da publicação do artigo Inteligência Emocional de Salovey e Mayer, formula a sua teoria das Inteligências Múltiplas, na qual identifica que o indivíduo é um ser capaz de desenvolver múltiplas inteligências, entre elas, tem-se as inteligências interpessoais e intrapessoais que

apresentam como elementos importantes a habilidade de lidar com as emoções dos outros e particulares. O pesquisador conceitua a mente humana como um quebra-cabeça, com várias peças que se completavam e todas de mesmo valor. Segundo ele, cada peça seria uma característica que identificaria o tipo de inteligência de cada pessoa. Para esse pesquisador, há mais de oito tipos de inteligência, sendo as principais estudadas por ele: Linguística, Lógico-matemática, Espacial, Corporal-cinestésica, Interpessoal, Intrapessoal, Naturalística e Musical. Gardner (1995) enfatiza que o estudo do QI não é mais efetivo e não pode servir como base para medir a inteligência de uma pessoa. Todas as pessoas possuem os oito ou mais tipos de inteligência, alguns desenvolvidos e outros não. E esse fator não pode classificar uma pessoa como estritamente normal ou demasiadamente inteligente.

No mesmo ano da publicação de Howard Gardner, o teórico Goleman (1995) escreve o best-seller *Inteligência Emocional* e torna o conceito de inteligência emocional conhecido mundialmente, foco aqui a ser destacado, pois tal obra e pensamento torna-se o cerne desta pesquisa.

Portanto, com o objetivo de realizar uma breve apresentação sobre o percurso histórico e os desdobramentos dos aspectos teóricos sobre pensamento e emoção, é possível verificar-se a oportunidade de demonstrar a multiplicidade que o conceito da inteligência teve e tem desde a Antiguidade, para que dessa forma possamos a partir de então, desdobrar as questões referentes especificamente deste trabalho: a *Inteligência Emocional*.

## A Inteligência Emocional

De acordo com Neta, Garcia e Gargallo (2008), o termo *Inteligência Emocional* primeiramente surgiu em âmbito acadêmico, no ano de 1990, formalizado pelos pesquisadores Peter Salovey, da Universidade de Yale, e John Mayer, da Universidade de Hampshire, por meio de uma pesquisa apresentada em dois artigos de literatura científica. Em sua primeira publicação, “*Inteligência Emocional*”, Salovey e Mayer propuseram uma definição ao conceito de inteligência emocional e a definiram como “a habilidade de controlar sentimentos e emoções em si mesmo e nos demais, diferenciar e conhecer suas emoções, para assim poder usar essa informação e gerir suas ações e pensamentos”. (Neta, García e Gargallo, 2008, p. 12).

No segundo artigo, os pesquisadores demonstraram e trouxeram as primeiras impressões materiais de que a inteligência emocional poderia ser conhecida e utilizada como uma habilidade mental:

A inteligência emocional envolve a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento profissional e intelectual. (MAYER; SALOVEY, 1997 apud BUENO; PRIMI, 2003)

Em 1995, porém, o pesquisador e redator científico, Daniel Goleman, traz uma nova abordagem a respeito da *Inteligência Emocional*, na qual se apropria do conceito inicialmente abordado por Salovey e Mayer, mas opta por ampliar o conceito apresentado pelos colegas pesquisadores acrescentando às habilidades cognitivas alguns atributos que se referem à personalidade, sendo fortemente criticado no meio acadêmico por contemplar ângulos da inteligência julgados inadequados, visto que, segundo Salovey e Mayer (apud BUENO, PRIMI, 2003), a inteligência emocional vai muito além do emocional e cognitivo.

Com o estudo de Goleman sendo divulgado e ampliado com a inclusão de aspectos da personalidade e traços motivadores, Salovey e Mayer destacam a necessidade de revisar o conceito inicial de inteligência emocional, assim os pesquisadores passam a focar o conceito de inteligência emocional como um conjunto de aptidões, capacidades ou habilidades mentais. (Neta, García e Gargallo, 2008).

Para Goleman (2001, p 337), a inteligência emocional define-se como “[...] capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos e dos outros, de nos motivarmos e de gerir bem as emoções dentro de nós e nos nossos relacionamentos”. Para o pesquisador, a inteligência emocional é fator primordial para o sucesso ou fracasso dos indivíduos, haja vista que a maioria das situações vivenciadas pelas pessoas são entremeadas por contato com outras pessoas, logo indivíduos que possuem capacidades mais afáveis, compreensíveis e gentis acarretam possíveis e maiores chances de tornarem-se mais bem-sucedidos que os outros.

O estudo de Goleman (1995) atesta que um alto QI (coeficiente de inteligência) não é uma garantia de sucesso e que o QE (coeficiente emocional) é que pode dar a verdadeira medida da inteligência humana, a exemplo disso prova-se, cada vez mais, que a inteligência emocional é capacidade essencial na formação de líderes e que em várias corporações o QI garante um bom emprego, mas apenas quem tem um alto grau de

QE é que obtém promoções. Sobre as características do estudo, sabe-se que a inteligência emocional é permeada por cinco habilidades: Autoconhecimento Pessoal, Controle Emocional, Automotivação, Reconhecimento de emoções em outras pessoas, Habilidade em relacionamentos interpessoais. A habilidade de autoconhecimento trata-se do reconhecimento de suas próprias emoções, e como elas podem afetar os pensamentos e comportamentos, objetiva o conhecimento de seus pontos fortes e fracos, além da autoconfiança em si. O autocontrole é a habilidade de controle dos sentimentos e comportamentos impulsivos, de maneira que o indivíduo consiga controlar as emoções de maneira saudável e aprenda a adaptar-se às novas situações e circunstâncias.

Além do autocontrole a motivação é elemento também presente e necessário a Inteligência Emocional. Deste modo, segundo Goleman (1995) utilizar a habilidade de automotivação consiste em aprender a responder aos estímulos, como um processo consciente que envolve a análise de como o indivíduo sente para que a partir disto possa decidir como pretende se comportar voltando sua atenção para atingir seus objetivos. Autocontrole e automotivação apesar de serem concebidos como elementos independentes para o referido autor, se completam no movimento do desenvolvimento da Inteligência Emocional.

Em outro polo, ou seja, descolando do eu para o outro, tem-se o reconhecimento das emoções em outras pessoas. A empatia, é a habilidade de colocar-se no lugar do outro, de reconhecer as emoções dos outros indivíduos e entender o porquê de se portarem como tal. Saber se relacionar interpessoalmente é o ato de cultivar boas relações, guiando as emoções dos outros, de modo que a criação de um ambiente positivo estimulará uma qualidade de vida superior e relações afetivas mais efetivas e duradouras. Tais habilidades, para Goleman (1995), devem ser ensinadas e incentivadas, bem como o zelo, a persistência, a prudência que são atitudes amáveis e possíveis de serem ensinadas aos alunos. Educar emocionalmente tem como objetivo a melhoria de recursos para que possam superar a enorme falta de empatia que circunda a sociedade. Nas palavras desse psicólogo “Alguns dos mais efetivos programas de Alfabetização Emocional foram desenvolvidos em resposta a um problema específico, notadamente a violência” (GOLEMAN, 1995, p. 292).

Educar emocionalmente fará com que o desenvolvimento das habilidades emocionais seja utilizado para resolução de conflitos e fará que os alunos tenham consciência de suas atitudes, passando de atitudes impulsivas, intolerantes para a construção de uma filosofia onde atitudes e temperamentos conflituosos não tenham espaço, uma vez que o aluno aprenda a reconhecer, respeitar e expressar suas emoções e a dos outros para a resolução de conflitos, consolidando desta forma uma cultura envolvida em paz e respeito (GOLEMAN, 1995).

Assim como Goleman, consideramos urgente a necessidade de inserir um trabalho voltado a lidar com as emoções em sociedade, visto que as pessoas em meio à socialização são afetadas pelas emoções do próximo, vislumbrando a necessidade de se educarem emocionalmente, já que o contato humano é entremeadado por relações entre pessoas.

A educação relacionada ao respeito das emoções implica um processo significativo de transformação que dá relevância ao desenvolvimento, não só da parte linguística, física ou lógica dos estudantes, mas que valoriza a formação humana e prepara pessoas para um mundo caracterizado pela internacionalização da economia, pelas inovações tecnológicas e científicas que levam a novos sistemas de organização social e novos desafios internos, uma formação humana para lidar com uma realidade complexa, constantemente angustiante e de incerteza, como cita Edgard Morin (2000) em seu exemplar “Os sete saberes necessários à educação do futuro”:

Unidades complexas, como o ser humano ou a sociedade são multidimensionais: dessa forma, o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional. A sociedade comporta as dimensões histórica, econômica, sociológica, religiosa... O conhecimento pertinente deve reconhecer esse caráter multidimensional e nele inserir estes dados: não apenas não se poderia isolar uma parte do todo, mas as partes umas das outras; a dimensão econômica, por exemplo, está em inter-retroação permanente com todas as outras dimensões humanas; além disso, a economia carrega em si, de modo “holográfico”, necessidades, desejos e paixões humanas que ultrapassam os meros interesses econômicos. (MORIN, 2000, p 23)

## **Considerações Sobre A Educação E A Pedagogia**

Um dos processos sociais mais significativos dos dias atuais, segundo Libâneo (2001), é a ampliação do conceito de educação e a diversificação das atividades educativas, levando a uma valorização

da atividade pedagógica. Seguindo essa ideia, pode-se pensar que a sociedade hoje dá valor especial às práticas pedagógicas, não só no âmbito escolar, mas num campo amplo e geral da sociedade.

Na atualidade, os saberes estão disseminados constantemente nos meios de comunicação, evidenciando ações educativas constantes em diversas esferas da sociedade. A informação constante é refletida nos conhecimentos, nos hábitos, conceitos, habilidades, atitudes, procedimentos e crenças dos grupos sociais (LIBÂNEO, 2001). Coerente a isso, a educação é uma ação comunicativa, e a ação pedagógica estimula o intercâmbio da experiência humana, levando a uma prática cultural que deve ser intencional e que procura a internacionalização de significados desde o próprio contexto.

Vivemos atualmente em um mundo regido pela globalização, com seus princípios e valores, a educação deve socializar a prática cultural decorrente do cenário que tem por consequência a globalização. A educação está relacionada diretamente ao processo de aprendizagem das pessoas, está relacionada à formação da sociedade. Nesse contexto, as instituições educativas são cada vez mais valoradas e são foco de estudo e pesquisa, na intenção de melhorar as condições gerais do país e com um futuro mais próspero, desenvolvido e equitativo, tomando o ser humano como ser que aprende, se desenvolve e transforma. Por outro lado, Libâneo (2001) se refere ao paradoxo em que a educação e principalmente a Pedagogia vive atualmente. Ao olharmos pelo lado político, profissional, universitário, sindical e empresarial, por exemplo, parece que vivemos um período de resgate e redescoberta da Pedagogia, a ampliação para a atuação dos pedagogos mostra um momento positivo na sociedade. Porém, quando nos deparamos com a Pedagogia no meio acadêmico, nota-se uma diminuição da função do Pedagogo e um olhar apenas para a docência, o que evidencia uma desqualificação, advinda, muitas vezes dos próprios pedagogos. Um tanto paradoxal uma sociedade ser chamada, muitas vezes, de sociedade do conhecimento e, por outro lado desqualificar uma área com saberes específicos e necessários a apenas um campo de docência.

Hoje, espera-se que, as instituições educativas se interessem não só pela disseminação de saberes e informações acumuladas historicamente, mas também, de maneira essencial, na formação integral da pessoa, na sua parte física, social, cognitiva, afetiva. Existe uma tendência da concepção da prática educativa como dimensão social de formação humana para a vida em sociedade. Freire (2015) propõe que educar é muito mais do que treinar os estudantes no desempenho de destrezas, educar envolve todo um processo de reconhecimento do si mesmo e do outro, é estímulo e formação de autonomia, é um processo de tomada de consciência do indivíduo que tem presença no mundo e pode mudá-lo e transformá-lo: "[...] presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valoriza, que decide, que rompe". (2015, p. 20)

A formação humana no interior das instituições é cada vez mais valorizada, os fenômenos de socialização, de relacionamento, são inevitáveis e possuem força e poder nas situações da vida diária, daí a importância do conhecimento da empatia, da solidariedade, da comunicação, que são processos que têm toda uma dimensão emocional humana na sua base. Para Alves (2016), pensar no homem é pensá-lo e defini-lo em sua totalidade, haja vista que o indivíduo não recebe educação apenas nas instituições formais, mas em toda a sua vida e em vários âmbitos dela. Pensar numa totalidade humana, embora seja complexo se faz necessário, pois revelam as bases com as quais todos os indivíduos são sustentados. A autora ainda enfatiza que onde há vida humana, há educação e esta se relaciona com a moral e a ética. A formação das crianças passa pela formação dos docentes que acompanham esses estudantes em seu período escolar, em especial a formação do pedagogo que além do trabalho na sala de aula com crianças da educação infantil e do ensino fundamental I, atua na organização e gestão do ambiente escolar, também importante para a concepção do homem com um ser integral.

A respeito da formação do pedagogo, Libâneo (2001) explica que este profissional da educação deverá ter formação no campo teórico-investigativo e no exercício técnico-profissional da educação e atuará nas escolas, em instituições educacionais e inclusive em âmbitos não escolares. De acordo a isso, o pedagogo então possuirá formação teórica, científica e técnica a respeito da Pedagogia, sendo que a formação do pedagogo deve ser sob a tripla perspectiva de docente, gestor e pesquisador.

Sob o ponto de vista legal, pela Resolução do CNE/CP N.1 de 15 de maio de 2006 (BRASIL CNE/CP 1/2006), foram instituídas as Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Pedagogia. Esse documento define as condições de ensino do curso de Pedagogia e apresenta os princípios de planejamento e avaliação que as instituições de educação superior devem levar em conta para a formação de pedagogos. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia são a base para a criação dos cursos universitários para a formação dos pedagogos, essas diretrizes estabelecem fundamentos essenciais que guiam os conteúdos que serão oferecidos pelas instituições de ensino superior. No Art. 2 dessas diretrizes, se expõe que o curso se destina à formação de professores da educação infantil, da educação dos anos iniciais do ensino fundamental e dos cursos de ensino Médio na modalidade Normal. Abarca o apoio

escolar no que seja previsto o conhecimento pedagógico. Também, inclui-se a participação na organização e gestão nas instituições de ensino englobando planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação da área da educação em contextos escolares e não escolares. É evidente que o pedagogo possui uma formação abrangente a respeito da educação e possui exigências fortes no seu desenvolvimento humano. Ele desempenhará tarefas que levam à formação de outras pessoas e será um modelo para indivíduos de diversas idades em ambientes formais e informais.

O Art. 3 expõe que:

O estudante de Pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética. (BRASIL CNE/CP 1/2006).

Posterior a este documento do ano de 2006, vale ressaltar que temos outro parecer CNE/CP nº 22/2019, que diz:

[...] Isso implica que as aprendizagens a serem garantidas aos estudantes, em conformidade com a BNCC, requerem um conjunto de competências profissionais dos professores para que possam estar efetivamente preparados para responder a essas demandas. Ao definir que os currículos sejam elaborados considerando o desenvolvimento integral dos estudantes, a BNCC estabelece que a velha dicotomia entre conhecimento e prática, desenvolvimento cognitivo e socioemocional, deve ser superada. Essa mudança de paradigma representa um avanço no que se estima ser uma educação de qualidade, que, ao deixar de centrar-se na clássica transmissão de conteúdo, passa a centrar-se no objetivo de potencializar o desenvolvimento humano pleno dos estudantes de modo conectado com as demandas do século XXI. Ao mesmo tempo, essa mudança deflagra a necessidades de um olhar especial e de uma formação atualizada do corpo docente que realizará o efetivo trabalho pedagógico com os estudantes nas salas de aula do país.

Embora seja evidente a importância da atividade profissional para o desenvolvimento de princípios, como interdisciplinaridade, democratização, pertinência social, ética, sensibilidade afetiva e estética, a formação do pedagogo deverá possuir conhecimentos e habilidades que se fundamentam nesses princípios complexos, que envolvem mais do que conhecimentos teóricos ou práticos da educação. Esses princípios exigem uma formação humana fortalecida, consciência ética, uma perspectiva de mundo crítica e solidária. As aptidões que o pedagogo deve possuir demandam uma base essencialmente emocional, que são coerentes com o autoconhecimento, o autocontrole, a empatia, a solução de conflitos e, essencialmente, habilidades nos relacionamentos interpessoais.

Pode-se observar que as instituições de educação superior devem estimular as habilidades de gestão e desenvolvimento humano, pois o pedagogo lida com exigências intensas na formação ética, precisa de flexibilidade cognitiva, deve possuir habilidades comunicativas, sociais e habilidades que facilitem a solução de problemas e os relacionamentos interpessoais.

De acordo com Libâneo (2001, p. 8), a realidade da educação "[...] se configura na relação entre os elementos da prática educativa: o sujeito que educa, o educador, o saber e os contextos em que ocorrem". Na Pedagogia, não só são relevantes os conteúdos teóricos, mas também a pessoa que está sendo educada, esse ser que pensa, se emociona, vive e se relaciona, sem esquecer do contexto que é fundamental e apresenta uma realidade ampla e em constante mudança.

A educação forma e transforma todas as pessoas envolvidas na ação de educar. A aprendizagem é um processo natural dos indivíduos e por isso, o planejamento do que será ensinado deve incluir conceitos de formação humana desde cedo, abarcando as emoções. O pedagogo ou educador deve então possuir formação teórica, científica e técnica a respeito da Pedagogia, mas também sua formação humana deve ser desenvolvida e a educação emocional aparece como alternativa para o fortalecimento interno, não só dos pedagogos, mas também das pessoas em geral, pois terão consequências positivas a nível social, trazendo solidariedade, respeito, união e cooperação.

Atualmente, o nível de docentes com problemas de saúde mental vem aumentando. Segundo dados apresentados pelas autoras Moreira e Rodrigues (2018), o professor, entre tantas outras profissões, vem



sendo o quarto da lista desses problemas, de acordo com a Associação Nacional de Medicina do Trabalho, pois lidar com impasses em sua rotina de trabalho é algo comum e acontece frequentemente e é, o que muitas vezes causa estresse, cansaço e frustração, já que tratar de tantas emoções não é uma tarefa fácil no cotidiano.

Ser professor é encontrar soluções para grandes dificuldades em diferentes situações e tudo isso envolve muita responsabilidade, já que sua função social é formar seres humanos críticos e aptos a viver em sociedade. Ao se deparar com tantos conflitos e dificuldades enfrentadas diariamente, é natural que o professor sofra o baque e tenha que ouvir, muitas vezes, que “ser professor nos dias atuais virou uma profissão de amor e coragem”, diz Lima (2017) em texto apresentado no Site do Sindicato dos Professores do Ensino do Estado de São Paulo. E isso não para por aí, além de todos os conflitos em sala de aula e nas dificuldades de exercer a docência, nos distintos ambientes que o docente trabalha ao longo de sua trajetória profissional, há inúmeros perfis de colegas de trabalho, pais, estudantes, diversas classes sociais e personalidades. Sabe-se, a partir de experiência docente, que o professor lida com diferentes alunos, dos motivados aos desmotivados, os desinteressados, interessados, preocupados, tímidos, impacientes, entre outras características. A tarefa de instigar o conhecimento, curiosidade e motivação é a função desse educador, sempre respeitando as peculiaridades de cada educando, para com isso poder alcançar, junto aos alunos, bons resultados em sala e conhecimento.

O trabalho muitas vezes acaba se tornando exaustivo, pelas preocupações em fazer dar certo, as cobranças acabam tornando-se algo pessoalmente complicado de lidar, o que acaba acarretando desgaste emocional. Além da superlotação das salas de aula, ausência do apoio da família nas escolas, e a falta de autonomia. Somados ao fato de que segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, citado por Lima (2017) “os professores brasileiros estão entre os que passam o maior tempo de horas ensinando”, vale ressaltar que não é de se estranhar que o desgaste emocional ocorra, além do físico.

Com tantos impasses que o docente encontra em seu caminho ainda tem que aprender a lidar com a falta de respeito dos alunos, agressões verbais e até físicas. Agostini (2019) expõe em uma pesquisa realizada pelo Sindicato dos Professores de São Paulo que mais da metade dos professores da rede estadual de ensino relatam já ter sofrido algum tipo de agressão, sendo entre elas a mais comum, a verbal (44%), seguida de discriminação (9%), *bullying* (8%), furto/roubo (6%) e agressão física (5%).

Segundo Agostini (2019), pesquisas feitas pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico sobre violência em escolas com média de cem mil professores, o Brasil está em primeiro lugar no *ranking* de agressão aos educadores. 12,5% dessas vítimas dizem sofrer agressão verbal ou intimidações dos educandos. De acordo com um levantamento feito em São Paulo, pela Globonews, a quantidade de agressões a professores cresceu 73% em 2018 comparado ao ano anterior.

Com o baixo salário e a desvalorização da profissão, o docente encontra-se sem meios para complementar sua rentabilidade e tem que optar pela multiplicação de seus turnos de trabalho e atribuir-se de funções extras, o que o sobrecarrega e traz dificuldades para conciliar tantas tarefas, afetando tanto seu empenho profissional quanto sua saúde física, biológica e emocional. Segundo pesquisas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas – INEP (2018), os professores brasileiros encontram-se entre os que passam mais tempo trabalhando.

A sociedade e a comunidade escolar cobram que o professor tenha um perfil peculiar, que deve representar acima de qualquer situação uma figura paciente, criativa, empática e instigadora, sem nem ao menos algum preparo direto em questão. O educador não é visto como um ser humano completo que tem problemas, sentimentos, emoções, simplesmente não é olhado ou percebido como pessoa.

Neste sentido, considera-se fundamental que durante a formação inicial docente, o curso seja contemplado com disciplina voltada a trabalhar e desenvolver a inteligência emocional nesses estudantes. O objetivo seria organizar conteúdos não apenas para apresentar ou teorizar o que é inteligência emocional, sua construção teórica, os autores principais ou a importância do tema para a sociedade contemporânea, mas além dessas questões, desenvolver a inteligência emocional nos futuros professores, a partir de dinâmicas, situações-problema, estudos de caso, dramatizações. Saber gerir suas emoções para enfrentar situações será um aliado para o docente, ou seja, trabalhar a inteligência emocional dos educadores é uma realidade necessária.

## MÉTODO

### Novas perspectivas para a formação do Pedagogo

A partir das concepções teóricas sobre inteligência emocional, foram analisadas algumas matrizes curriculares de universidades para verificar se a inteligência emocional é uma ferramenta como aspecto a ser desenvolvido e introjetado nos futuros professores. Optou-se por limitar a pesquisa em cursos de Pedagogia, que como é sabido, volta-se à formação de professores para atuarem como docentes na Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial com perspectiva Inclusiva, bem como, na gestão de estabelecimentos de ensino, tanto em campo acadêmico como administrativo.

Outra limitação refere-se às universidades e/ou faculdades pesquisadas. As Matrizes eleitas para serem analisadas foram da Faculdade Bilac (2019), Universidade Paulista (2019), Universidade de Taubaté (2019), Universidade do Vale do Paraíba (2019), todas da região do Vale do Paraíba, bem como as Matrizes Curriculares do curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo (2019) e Universidade Federal de São Carlos (2019). Ressaltamos que todas as matrizes foram analisadas pelos *sites* das instituições, disponibilizados na internet.

## RESULTADOS

Em todas as instituições foi verificado que a inteligência emocional não faz parte de suas grades curriculares do curso de Pedagogia. Na Universidade de São Paulo, há uma disciplina voltada à Inteligência Emocional, que se chama Medicina Corpo e Mente Gerenciamento de Estresse e Inteligência Emocional, mas apenas para o curso de Medicina.

Na Faculdade Bilac, na grade curricular do curso de Pedagogia, há uma disciplina chamada Crescimento e Desenvolvimento Humano, mas não há informações de um aporte fundamentado em inteligência emocional, dessa forma não há parâmetros reais de uma disciplina com um olhar voltado ao desenvolvimento humano ou a formação humana.

Na Universidade Paulista, com base na matriz curricular de São José dos Campos, expõe-se que há uma disciplina intitulada “Psicologia do Desenvolvimento e Teorias da Aprendizagem”, na qual em uma breve aula há um contato, puramente teórico, com as Inteligências Múltiplas, estudo de Howard Gardner, e Inteligência Emocional, com relatos de Daniel Goleman. Entretanto, não se trata do aspecto da Inteligência Emocional que a pesquisa em questão quer salientar. Propomos algo prático, dinâmico, emocional, que faça parte de uma ressignificação do ofício de ser pedagogo. Propomos uma disciplina que trabalhe além dos aspectos teóricos da Inteligência Emocional, oficinas e dinâmicas que desenvolvam a Inteligência Emocional nos futuros professores.

## DISCUSSÃO

### Acerca do “ser Pedagogo”

O “ser pedagogo”, como todo aprendizado, traz um contexto de conteúdos e competências a serem desenvolvidas ao longo do tempo. No Art. 5 CNE/CP 1/2006 (BRASIL, 2006), encontram-se algumas aptidões que o graduando no curso de Pedagogia deve desenvolver, para que possa exercer sua profissão. Entre elas, há a aptidão de “[...] reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas”.

Pergunta-se, porém, como o pedagogo deverá se preparar para tais funções? Em sua graduação há o olhar reflexivo promovido pelas discussões e debates em aulas, mas ainda lhes faltam ferramentas. Não bastam diálogos, sabe-se que o mundo atual e sobretudo dialético espera profissionais prontos, mas para que estes mesmos profissionais possam estar prontos são necessários um olhar diferenciado, uma formação mais completa, uma formação que contemple e enxergar a pessoa de forma integral.

Vislumbra-se a urgência de não proporcionar aos estudantes de Pedagogia apenas uma unificação de teoria e prática, a chamada práxis, mas uma formação além, onde possam expor e vivenciar suas emoções de forma libertadora, proporcionando aos alunos que, ao enfrentar os vários desafios da profissão, possam estar preparados.

Outra aptidão necessária ao pedagogo é “promover e facilitar relações de cooperação entre a instituição educativa, a família e a comunidade”, segundo o Parecer CNE/CP nº 5/2005 do Ministério da Educação. Para o pedagogo, naturalmente conciliar as relações com a família, comunidade e escola, não

basta que ele seja graduado e com discurso firmado apenas em teorias, mas há que unir também o lado emocional, este não poderá ser separado de forma alguma do educador. Freire (apud Gadotti, 2016) ao citar a Escola Cidadã, evidencia que os educadores devem lutar para conquistar seu direito a um ensino libertador e um espaço onde possam ser eles mesmos. Para tal, não podemos separar o lado emocional, mas dar condições aos pedagogos para que se eduquem e se preparem emocionalmente.

Bauman (2001) expõe o quão a sociedade é movida pela liquidez e volatilidade e como estamos acostumados a viver com tantas perdas. Nada mais é feito para durar, nem a própria identidade das pessoas, que deixam-se levar, muitas vezes, por não saber lidar com as emoções. Sabe-se que há uma divergência marcante entre educadores a respeito da identidade do pedagogo e do papel que desempenha. As incertezas e as frustrações mantidas atualmente pela sociedade não podem perpassar a função social de um pedagogo na formação e produção de conhecimento de seus alunos, mas primordialmente na luta pela sua identidade, na qual possa exercer seus direitos como pessoa e educador.

Percebe-se, porém, que independentemente de as instituições serem públicas ou privadas, nenhuma considera a importância da inteligência emocional como conteúdo para a formação docente, já que em nenhuma das matrizes analisadas foram encontrados traços de uma disciplina voltada ao que esta pesquisa quer expor.

Quando se fala em uma maior concepção para a formação do pedagogo, espera-se que ele possa ser visto além de seu fator cognitivo. Para Wallon (1989), o ser humano deve ser considerado em toda a sua complexidade e a partir de seus diferentes domínios afetivos, cognitivos e motor. Deste modo, o pedagogo, assim como sua formação, não deve ser visto de forma fragmentada, mas deve ser enxergado sob uma ótica da articulação de todos os elementos que o compõe como pessoa e são partes relevantes em seu processo de formação, sejam eles emocionais, cognitivos ou orgânicos.

Importante salientar que além das aptidões a serem desenvolvidas, atualmente o curso de Pedagogia é sustentado por três pilares, de acordo com as observações acerca das grades curriculares dos cursos, sendo eles os Fundamentos, as Metodologias e as Práticas. Para que pudéssemos alcançar uma mudança significativa, seria necessário a criação de um quarto pilar, onde a Pedagogia se sustentasse da mesma forma no Desenvolvimento Humano e Emocional, já que a emoção é condição indissociável de todos os seres humanos. Isso demonstra a necessidade de estabelecer uma matriz curricular que atenda à carência de um conteúdo específico para o fortalecimento humano do pedagogo.

Possivelmente não apenas as instituições de ensino superior devem promover uma reflexão em sua grade e no novo ofício de ser pedagogo, mas também ocorre a necessidade de um olhar em sentido macro do Ministério da Educação para que ampliem as aptidões e o conteúdo curricular a fim de que o novo pedagogo possa ser sustentado, guiado e desenvolvido emocionalmente.

### **Um olhar sobre a educação emocional na formação docente**

Nos últimos tempos, as questões relacionadas à atuação e à formação de professores têm se encontrado no centro de amplas discussões como uma temática de grande importância em meio a esforços globais, que busca melhoria da qualidade do ensino, por meio de reformas educacionais e pelo desenvolvimento profissional e pessoal dos docentes.

De acordo com Bolzan (2002), o percurso pessoal e profissional são aspectos definidores na forma de atuação do docente, ressaltando suas concepções sobre o fazer pedagógico. Segundo a autora, a edificação do papel de ser professor é coletiva, se faz na ação em sala de aula e no exercício diário de sua atuação na instituição. Refere-se a uma conquista social, coletiva, que resulta em trocas e representações.

Até pouco tempo, os temas de educação emocional nas instituições de ensino, bem como os sentimentos dos professores entre vários outros assuntos relacionados às emoções, não tinham nenhum destaque (RHODEN e RHODEN, 2014). Parece que o desenvolvimento de humanização da sociedade é um dos maiores desafios da atualidade, o que nos traz a reflexão sobre o quanto nossas subjetividades e emoções têm sido esquecidas. Os autores ressaltam que a formação do docente nunca está terminada, mas sempre está em processo de aperfeiçoamento, as experiências de vida dos docentes refletem e dependem de seu estado emocional no desenvolvendo de sua aprendizagem.

De acordo com Nóvoa (1995), antigos estudos a respeito da formação de professores reduziam a profissão docente a um conjunto de habilidades, criando uma desestabilidade de identidade nos docentes e, em consequência, uma separação entre sua essência profissional e pessoal. Essa investigação da formação emocional coloca o professor no centro de debates e estudos e passa a levar em consideração a importância do modo de vida pessoal e como isso o afeta profissionalmente.

Não podemos abandonar o entendimento de que a formação do docente é um processo constante de aperfeiçoamento e evolução, tanto profissional quanto pessoal, e não se trata de passagem findável, pois possui uma postura ativa na vida do docente e não se deve considerar apenas como obrigação. A formação docente propõe uma complexa renovação e aprofundamento dos saberes adquiridos na construção de seus novos conhecimentos, para que propaguem por uma nova tendência relacionada ao espaço educacional, direcionado ao estudo emocional dos professores.

De acordo com Rhoden e Rhoden (2014), muitos docentes sentem insegurança para enfrentar questões emocionais em sala de aula. Na verdade, para a formação docente falta a inclusão da dimensão emocional, o olhar para o professor como pessoa, um ser como qualquer outro que tem sentimentos, barreiras, medos etc. Torna-se necessário dar espaço para se investigar temas que proporcionem abordar e identificar a importância individual e coletiva de ser professor, que inclui o conjunto de situações internas, externas e questões psicológicas complexas.

Defende-se a necessidade de trabalhar a inteligência emocional com os professores em formação, por assim compreender que o docente tem que aprender a estimular esta competência e que precisa, também, estar bem consigo mesmo, para assim lidar com as barreiras das pessoas de seu convívio, essencialmente seus alunos. Assim, um docente emocionalmente equilibrado atuará de maneira adequada em situações de conflito em sala de aula, e sua ação na vida dos alunos será sustentada pelo exemplo de respeito e justiça.

Para Rhoden e Rhoden (2014), o professor precisa ser contemplado em sua subjetividade, necessita que seja visto primeiramente em toda a sua complexidade, como uma pessoa, onde o seu “eu”, suas emoções e sua história de vida possam ser consideradas. A mesma exigência que o mercado exige pela qualificação profissional, devia se estender à educação emocional.

Faz-se necessária uma nova visão na forma de ver a educação e a formação do professor. Somente contribuindo para uma formação mais humana e com viés emocional, que valorize o professor e o auxilie na prevenção e diminuição de toda carga de estresse que se acumula com o passar dos anos, é que ele poderá alcançar uma melhor qualidade de vida e formação docente. Para tal, propomos a seguir um texto de apresentação da proposta de ementa para a disciplina de Educação Emocional para o Pedagogo.

### **Apresentação da proposta de ementa para a disciplina de Educação Emocional do Pedagogo**

Propõe-se um conteúdo que estimule de maneira concreta a formação emocional do estudante de Pedagogia, favorecendo o autoconhecimento, o autocontrole, a automotivação, a empatia, facilitando as capacidades de construir relacionamentos interpessoais positivos, conduzindo ao desenvolvimento socioemocional. Para atingir e desenvolver essas habilidades é necessário que na ementa seja proposto o estudo dos conceitos básicos da inteligência emocional, conhecendo os tipos de emoções, o desenvolvimento do conceito da inteligência emocional sob uma perspectiva histórica e a sua importância na atualidade.

Segundo Goleman (1995), a educação emocional envolve a habilidade de autoconhecimento, ou seja, o reconhecimento dos próprios sentimentos e a observação das próprias forças e fraquezas, além do mais, outras habilidades a serem desenvolvidas são o autocontrole e a automotivação que têm a ver com a canalização dos sentimentos. É essencial aprender a lidar com a tensão que as emoções produzem partindo da autoconsciência e da responsabilidade pessoal. Outro conceito fundamental para o desenvolvimento da inteligência emocional, que deve estar na ementa, é a empatia que se refere à compreensão dos sentimentos dos outros e a adoção da perspectiva deles.

Propõe-se estimular a assertividade na comunicação com o outro e o respeito às diferenças com que as pessoas encaram as diversas situações. É relevante o estudo das dinâmicas de grupo, estratégias de comunicação e a solução de conflitos. A ementa deve estimular estas habilidades por meio de atividades vivenciais que facilitem o autoconhecimento e a relação consigo mesmo e com os outros, partindo de atividades reflexivas e que questionem a realidade individual dos estudantes.

Segue aqui a proposta:

#### **PLANO DE ENSINO**

**CURSO:** Pedagogia

**SÉRIE:** 5º ou 6º semestre

**DISCIPLINA:** Inteligência Emocional

**CARGA HORÁRIA SEMESTRAL:** 60 horas

**I. EMENTA**

Estudo sobre o conceito de Inteligência Emocional, bem como, pressupostos teóricos que fundamentam a questão. Dinâmicas e oficinas voltadas ao trabalho do desenvolvimento emocional dos estudantes, proporcionando ferramentas para o autoconhecimento, o autocontrole, a automotivação e a empatia. Reflexão sobre a construção de relacionamentos positivos, a solução de conflitos e o fortalecimento pessoal e profissional.

**II. OBJETIVOS GERAIS**

- Dominar princípios teóricos e metodológicos das áreas de conhecimento – psicologia e a Inteligência Emocional - que constituam objeto da prática pedagógica do professor.
- Articular o ensino e a pesquisa na produção do conhecimento e na prática educativa, a partir do desenvolvimento da Inteligência Emocional.
- Identificar e explorar diferentes estratégias voltadas ao autocontrole, empatia e relação interpessoal.
- Ler, analisar, interpretar textos acadêmicos, bem como, construí-los.

**III. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Conhecer a trajetória teórica do conceito de Inteligência Emocional
- Conhecer o conceito de Inteligência Emocional proposto por Daniela Golman
- Estudar os conceitos básicos das emoções;
- Conhecer a importância e os benefícios da inteligência emocional no desenvolvimento pessoal e profissional;
- Estimular e fortalecer o autoconhecimento;
- Desenvolver habilidades de autocontrole;
- Fomentar a compreensão e entendimento das emoções do outro para o desenvolvimento da empatia;
- Incentivar a solução de conflitos internos e externos desde o autoconhecimento, o autocontrole e a empatia;
- Desenvolver habilidades para estabelecer relacionamentos interpessoais satisfatórios.

**IV. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

Unidade 1: Conceitos básicos das emoções e da inteligência emocional.

- Emoções: conceitos, tipos, perspectivas passadas e atuais;
- Inteligência Emocional: conceitos, características gerais. A teoria de Daniel Goleman

Unidade 2: Autoconhecimento e autocontrole.

- Autoconhecimento;
- Lidar com os próprios sentimentos;
- Autoaceitação;
- Responsabilidade pessoal;
- Automotivação.

Unidade 3: Empatia e habilidades em relacionamentos interpessoais.

- Reconhecimento dos sentimentos do outro;
- Comunicação com o outro;
- Empatia;
- Assertividade;
- Dinâmica de grupos e solução de conflitos.

## V. ESTRATÉGIAS DE TRABALHO

As estratégias de trabalho poderão ser flexíveis dependendo da instituição e das características da comunidade acadêmica. No entanto, considera-se fundamental aulas expositivas dialógicas, leitura e discussão dos textos, estudo dirigido realizado em sala de aula ou extraclasse (individual e/ou em grupo), projeção e análise de vídeos, dinâmicas de grupo que envolvam vivências pessoais dos alunos que facilitem a autocrítica e a reflexão.

## VI. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de acordo com as normas regimentais e critérios específicos da IES. No entanto, considera-se importante que a avaliação seja processual e que a nota seja composta por trabalhos, participação das atividades de aula e prova.

## VII. BIBLIOGRÁFICAS BÁSICAS

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HUTZ, Claudio; WOYCIEKOSKI, Carla. **Inteligência Emocional: teoria, pesquisa, medida, aplicações e controvérsias**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010279722009000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722009000100002)>.

NETA, Nair Floresta Andrade; GARCIA, Emilio García; GARGALLO, Isabel Santos. **A Inteligência Emocional no Âmbito Acadêmico: uma aproximação teórica e empírica**. 2008.

## VIII. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALVES, Janaína Bastos. **Educação e a Formação Humana**. VIII Encontro Estadual de História, Bahia, 2016. Disponível em:

<[http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1470239951\\_ARQUIVO\\_EDUCACAOEAFORMACAOHUMANA.pdf](http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1470239951_ARQUIVO_EDUCACAOEAFORMACAOHUMANA.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Revisor: Maria Adriana Verissimo Veronese; Trad: Maria Carmen Silveira Barbosa. São Paulo: Artes Medicas, 1995

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo. Cortez, 2011.

SALOVEY, Peter; CARUSO, David. **Liderança com Inteligência Emocional**. São Paulo: M. Books, 2007.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a teoria da inteligência emocional se torna relevante em vários campos de atuação da sociedade atual, busca-se com a educação das emoções mais uma ferramenta para que o docente possa realizar, de maneira mais eficiente, seu exercício docente. Nota-se que as habilidades propostas pela inteligência emocional, como autoconhecimento, automotivação, empatia, autocontrole, habilidades nos relacionamentos interpessoais são compatíveis com as exigências as quais o pedagogo deverá enfrentar em sua formação e no exercício de sua profissão.

Reconhece-se a relevância do trabalho do pedagogo na sociedade e, com isso, evidencia-se a necessidade de trabalhar as emoções desde a infância, já que o educador é o primeiro contato da criança ao chegar na escola, influenciando de maneira significativa a formação de valores e princípios que contribuirão no futuro para uma sociedade mais democrática, ética, próspera e justa.

Torna-se preocupante que a sociedade ainda não reconheça suas próprias emoções e sinta-se, muitas vezes, suscetíveis às emoções alheias, o que se torna um desafio diário ao pedagogo, já que ele enfrentará diversas realidades, sentimentos e valores por vezes contraditórios à sua concepção. Julga-se, portanto, que ao educar as emoções, o pedagogo disporá de ferramentas que o capacitarão a desenvolver seu ofício de forma transformadora, abarcando as emoções em sua realidade, buscando uma ação abrangente que permeia toda a comunidade escolar. Deve-se comentar que na formação atual, os estudantes têm como exigência a assimilação de conteúdos técnicos, teóricos e práticos, o que incide em isolar sua formação humana. Ao analisar as matrizes curriculares selecionadas, podemos inferir que nenhuma das instituições, bem como o Ministério da Educação, visam à importância de se fortalecer a base humana do educador de maneira concreta, visto que nenhuma das instituições possui quaisquer indícios de uma educação emocional.

Desta forma, o cerne da formação do pedagogo tem deixado de trazer junto aos campos técnicos, teóricos e práticos o desenvolvimento das habilidades de educação emocional, uma vez que o lado emocional é intrínseco ao ser humano. Propõe-se então, que as instituições acadêmicas e o Ministério da Educação revisitem suas diretrizes a fim de valorizar o profissional em sua amplitude, assegurando que sua formação humana seja de igual importância que sua formação técnica. A proposta aqui apresentada insere-se como um ponto de partida, mas somente isso não é considerado suficiente. Mais estudos podem e devem ser realizados para avaliar o impacto oriundos dessa proposta; e a possibilidade de outras ações com potencial de favorecimento de pedagogos e professores, como acompanhamento psicológico e a formação em serviço, com destaque a aspectos relacionados a Inteligência Emocional. Deve-se ressaltar que a realidade proposta aqui pode favorecer diversas áreas e profissionais da educação em diversos níveis de ensino, que talvez sofram problemas e situações semelhantes. Aqui delimitou-se em propor uma disciplina voltada ao desenvolvimento da Inteligência Emocional para o curso de Pedagogia, no entanto, nada impede que esta disciplina esteja presente em qualquer curso de formação docente. Seria benéfico e de vital importância que os profissionais que educam pudessem ser submetidos a tais experiências e, talvez, a via de mão dupla que é cuidar e educar, ensinar e aprender seria alcançada.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Ana Carolina C. D. **Brasil lidera índice de violência contra professores**. Nova Escola. 2019. Disponível em: <[https://novaescola.org.br/conteudo/17609/brasil-lidera-indice-de-violencia-contraprofessores-o-que-podemos-fazer?utm\\_source=pushalert&utm\\_medium=push\\_notification&utm\\_campaign=pushalert\\_campaign](https://novaescola.org.br/conteudo/17609/brasil-lidera-indice-de-violencia-contraprofessores-o-que-podemos-fazer?utm_source=pushalert&utm_medium=push_notification&utm_campaign=pushalert_campaign)>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- ALVES, Janaína Bastos. **Educação e a Formação Humana**. VIII Encontro Estadual de História, Bahia, 2016. Disponível em: <[http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1470239951\\_ARQUIVO\\_EDUCACAOEAFORMACAOHUMANA.pdf](http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1470239951_ARQUIVO_EDUCACAOEAFORMACAOHUMANA.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- BARBOSA, Alexandre. **O Mundo Globalizado: Política, Sociedade e Economia**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. São Paulo: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. São Paulo, Zahar, 2001.
- BOLZAN, D.P.V.B. **Formação de professores: Construindo e compartilhando conhecimento**. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 05 jun. 2019.
- BRASIL/CNE. **Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf)>. Acesso em: 11 abr. 2019
- BUENO, José Maurício Haas; PRIMI, Ricardo. Inteligência Emocional: Um estudo de validade sobre a Capacidade de Perceber Emoções. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a08v16n2.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GADOTTI, Moacir. **A Escola Cidadã frente à Escola sem Partido**. 2016. Disponível em: <<https://resistenciaelutablog.wordpress.com/2016/09/02/a-escola-cidada-frente-a-escola-sem-partido/>>. Acesso em 14 set. 2019.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Revisor: Maria Adriana Verissimo Veronese; Trad: Maria Carmen Silveira Barbosa. São Paulo: Artes Medicas, 1995.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

\_\_\_\_\_. **Trabalhando com a Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOLDER, Mirna Poliana Queiroz. **Inteligência Emocional: um estudo com professores da educação básica na rede pública e na rede privada de ensino, na cidade de Porto Seguro, a partir do uso da Escala Veiga Branco**. 2017. 79 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2017. Disponível em < <https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/8382> >.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censos educacionais do INEP revelam mais de 2,5 milhões de professores no Brasil**. 2018. Disponível em: <[http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/censos-educacionais-do-inep-revelam-mais-de-2-5-milhoes-de-professores-no-brasil/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/censos-educacionais-do-inep-revelam-mais-de-2-5-milhoes-de-professores-no-brasil/21206)>. Acesso em: 05 mai. 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos: Inquietações e Buscas**. Universidade Católica de Goiás. Curitiba. Editora da UFPR, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

LIMA, Islene (2017). As dificuldades encontradas pelos professores no dia a dia nas salas de aula. Disponível em: <<http://www.apoesp.org.br/noticias/acontece-na-subsele/as-dificuldades-encontradas-pelos-professores-no-dia-a-dia-nas-salas-de-aula/>> Acesso em: 18 de maio de 2019.

LOCKE, John. **Carta acerca da tolerância**: Segundo tratado sobre o governo; Ensaio acerca do entendimento humano/John Locke; traduções de Anoar Aiex e E.Jacy Monteiro. 3ª ed – São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein/ Danilo Marcondes**. – 6ª ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP Nº. 22/2019**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=133091-pec022-19-3&category\\_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=133091-pec022-19-3&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 17 mai. 2021.

MOREIRA, Daniela Zanoni e RODRIGUES, Maria Beatriz (2018). **Saúde Mental e Trabalho Docente**. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epsic/v23n3/a04v23n3.pdf>>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª edição, São Paulo: Cortez, 2000.

MYERS, David. **Psicologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 2006.

NETA, Nair Floresta Andrade; GARCIA, Emilio García; GARGALLO, Isabel Santos. **A Inteligência Emocional no Âmbito Acadêmico: uma aproximação teórica e empírica**. 2008.

NÓVOA, Antônio. **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995

Faculdade Bilac. **Matriz Curricular do curso de Pedagogia da Faculdade Bilac**. Disponível em: <<http://www.bilac.com.br/curso/pedagogia/#tab-id-4>>. Acesso em 08 mar. 2019.

Universidade de São Paulo. **Matriz Curricular do curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo**. Disponível em: <<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=48&codcur=48012&codhab=203&tipo=N>>. Acesso em: 08 mar. 2019.



Universidade Paulista. **Matriz Curricular do curso de Pedagogia da Universidade Paulista**. Disponível em: <[https://www.unip.br/presencial/ensino/graduacao/tradicionais/hum\\_pedagogia.aspx](https://www.unip.br/presencial/ensino/graduacao/tradicionais/hum_pedagogia.aspx)>. Acesso em: 08 mar. 2019.

Universidade do Vale do Paraíba. **Matriz Curricular do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Paraíba**. Disponível em: <<https://www.univap.br/universidade/graduacao/fea/cursos/Pedagogia/corpo-docente.html>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

Universidade de Taubaté. **Matriz Curricular do curso de Pedagogia da Universidade de Taubaté**. Disponível em: <<http://www.unitau.br/pagina/Pedagogia-para-ingressantes-do-primeiro-semester-vestibular-de-verao>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

Universidade Federal de São Carlos. **Matriz Curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos**. Disponível em: <<http://www.Pedagogia.ufscar.br/matriz-curricular-2018>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

RHODEN, Juliana Lima Moreira; RHODEN, Valmor. Formação de Professores: um espaço que possibilita trabalhar a educação emocional e compreender o estresse do professor. **Revista Ciência em Extensão**. v. 10, n. 2, p. 118-135, 2014. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-mental/depressao>>. Acesso em: 15 out. 2019.

SALOVEY, Peter; CARUSO, David. **Liderança com Inteligência Emocional**. São Paulo: M. Books, 2007.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Editora Manole LTDA, 1989.